

Encontrar o (des)conhecido: uma [nova] compreensão sobre os Cursos de Bacharelado em Comunicação Organizacional no Brasil¹

Francielle Benett Falavigna ²
Cleusa Maria Andrade Scroferneker ³

Resumo

O objeto de pesquisa de nosso artigo são os cursos de Bacharelado em Comunicação Organizacional brasileiros oferecidos pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e pela Universidade de Brasília (UNB). Objetivamos compreender quais as dimensões comunicacionais [possíveis] promovidas pelas experiências curriculares desses dois cursos brasileiros e a possível ocorrência (ou não) de alguma relação de intenção discursiva que legitime a construção do “EU” enquanto sujeito coletivo (e profissional). Para atender a esses objetivos recorreremos ao Paradigma da Complexidade (MORIN, 2000, 2006, 2009, 2011, 2015) e a elementos da filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin (VOLÓCHINOV, 2018; BAKHTIN, 2011, 2014, 2015, 2016, 2019). Fruto da análise, identificamos que as ementas das disciplinas dos dois cursos que se constituem objeto deste estudo, parecem (re)problematizar o conhecimento, contextualizando o saber numa perspectiva contemporânea e responsiva.

Palavras-chave

Comunicação Organizacional; Cursos Brasileiros de Comunicação Organizacional; Dimensões Comunicacionais; Filosofia da Linguagem; Discurso.

Contextualização inicial

A partir de uma compreensão de permanente inter-relação dialógica e à luz do Pensamento Complexo (Morin, 2000, 2006, 2009, 2011, 2015), optamos por apresentar, no presente artigo, um recorte da análise sobre as dimensões comunicacionais [possíveis] promovidas pelas experiências curriculares de dois cursos brasileiros de Comunicação Organizacional – da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e da Universidade de Brasília (UNB) – e a possível ocorrência (ou não) de alguma relação de intenção discursiva que legitime a construção do “EU” enquanto sujeito coletivo (e profissional).

¹ Trabalho apresentado na modalidade Comunicações Livres, atividade integrante do XVIII Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas.

² Doutora e Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRS e relações-públicas pela mesma instituição. É professora na Escola de Comunicação, Artes e Design - FAMECOS/PUCRS, comissão coordenadora dos cursos de Comunicação Empresarial e Relações Públicas da PUCRS e integrante do Núcleo de Inovação Pedagógica (NIP) da Escola. E-mail: francielle.falavigna@pucrs.br.

³ Pós-doutorado e Doutorado em Ciências da Comunicação pela ECA/USP. Professora Titular da Escola de Comunicação, Artes e Design – FAMECOS/PUCRS. Membro da Comissão Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação – PPGCOM/PUCRS. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Estudos Avançados em Comunicação Organizacional – GEACOR/CNPq. Bolsista PQ/CNPq 2. E-mail: scrofer@pucrs.br.

Neste sentido, para a nossa análise, recorreremos aos aspectos de plurivocidade e de contexto extraverbal, tendo como base epistêmica, o dialogismo – dimensão constituinte da linguagem, da vida e do processo comunicativo (Bakhtin, 2014). A partir destas lentes, no decorrer deste processo reflexivo, analisamos, na sequência, fragmentos contidos nas ementas curriculares do curso de Bacharelado em Comunicação Organizacional da UTFPR e do Curso de Bacharelado em Comunicação Social – Comunicação Organizacional da UNB, mais especificamente, voltados para o componente disciplinar e para a compreensão expressa/percebida para a Comunicação Organizacional, buscando problematizar a perspectiva dialógica da linguagem enquanto voz/força viva que se articula e atua na construção [intencional] de subjetividades dos sujeitos.

O Bacharelado em Comunicação organizacional da UTFPR

Neste primeiro momento, assumimos a direção do olhar [e deste bordado de ideias e ideais] para o curso brasileiro de Bacharelado em Comunicação Organizacional, da UTFPR, operado no campus de Curitiba, no estado do Paraná, organizado a partir de uma experiência de formação profissional constituída em quatro eixos, quais sejam: Comunicação, Linguagens, Humanidades e Gestão, com natureza interdisciplinar (Figura 1).

Figura 1 - Matriz do curso de acordo com os eixos.

Periodo	1	2	3	4	5	6	7	8
Projeto	Projeto 1 (3)	Projeto 2 (4)	Projeto 3 (4)	Projeto 4 (4)			TCC 1 (4)	TCC 2 (4)
Linguagens	Comunicação Oral e Escrita (2)	Língua e Comunicação (4) Linguagem Visual 1 (3)	Criação Publicitária (4) Fotografia (3)	Linguagem Visual 2 (3) Editoração (3)	Audiovisual (4)	Análise do Discurso (4)		Tópicos Especiais em Linguagens (4)
Comunicação	Comunicação Organizacional 1 (4) Comunicação e Criatividade (3)	Comunicação Organizacional 2 (4) Comunicação Mercadológica (3)	Comunicação Organizacional 3 (4) Redação Jornalística (4)	Teoria da Comunicação 1 (3) Jornalismo Organizacional (3)	Teoria da Comunicação 2 (3) Planejamento da Comunicação (4)	Cibercultura (4) Comunicação e Gestão de Crises (4)	Ética e Comunicação (4)	Tópicos Especiais em Comunicação (4)
Humanas	Legislação e Comunicação (4) Metodologia de Pesquisa (3)	História da Comunicação no Brasil (4)		Antropologia e Comunicação (4)	História das Ideias no Brasil (4)	Cultura e Sociedade (3) Tecnologia e Sociedade (4)	Psicologia da Comunicação (4)	Crítica Cultural (4) Tópicos Especiais em Humanidades (4)
Gestão	Gestão Mercadológica (4)		Pesquisa Mercadológica (3)	Introdução à Economia (4)	Elaboração e Gestão de Projetos (4)	Governança Pública Corporativa (3)	Gestão Estratégica (4)	
			Diagnóstico Organizacional (2)		Organização de Eventos (4)		Gestão do Conhecimento (2)	
Total h/a semanal	23	22	24	24	23	22	18	20

Fonte: material concedido pela coordenação do Bacharelado em Comunicação Organizacional da UTFPR (2019).

Estes eixos da Matriz constituem a proposta pedagógica do curso para o período de quatro anos, com 1.556 horas de aulas teóricas, 940 horas de aulas práticas, 120 horas de aulas optativas, 60 horas de aulas eletivas e 400 horas de estágio curricular obrigatório, totalizando 3.076 horas (Portal UTFPR, 2020). Ainda, segundo o portal da Instituição (Portal UTFPR, 2020, grifos nossos), o curso propicia aos seus discentes uma experiência que os capacita a serem agentes de comunicação,

[...] para auxiliar as organizações a **dialogar e a se comunicar** com seus públicos, apresentando a eles seus propósitos, suas atividades e criando uma **interlocução** fundamentada em princípios éticos necessários ao atual cenário social, cultural, político e econômico do país (Portal UTFPR, 2020, grifos nossos).

Esses fragmentos dos discursos contidos no Portal da UTFPR e os eixos apresentados (Figura 1), sobre o Bacharelado em Comunicação Organizacional, sinalizam certas condições de intencionalidade sobre a formação do “EU”, enquanto sujeito coletivo [e profissional]. Algumas dimensões expressas em palavras, dispostas no Portal da UTFPR e, também, na disposição dos eixos, chamam nossa atenção, tais como: *comunicação, diálogo, interlocução, linguagens, discurso, antropologia e humanidades*. Sob essa perspectiva e considerando a palavra como o holograma mais sensível que compõe a linguagem [e o todo], reiteramos que,

A palavra participa literalmente de toda interação e de todo contato entre as pessoas: da colaboração no trabalho, da comunicação ideológica, dos contatos eventuais cotidianos, das relações políticas etc. Na palavra se realizam os inúmeros fios ideológicos que penetram todas as áreas da comunicação social (Volóchinov, 2018, p. 106).

A matriz curricular, inserida nos eixos Comunicação, Linguagens, Humanidades e Gestão revela/desvela alguma relação de intenção discursiva que legitime a construção do “EU”? Que sujeito coletivo e profissional é esse; que se pretende “construir” e sobre o qual são lançadas experiências/subjetividades intencionais? Sabemos que a construção do sujeito não é puramente autônoma e nem mesmo condicionada, de maneira determinística pelas estruturas discursivas, ideológicas e/ou da ordem do inconsciente e, é com essa perspectiva em mente que, na sequência, empreendemos nossa análise.

Para esta abordagem, ligada à Filosofia da Linguagem do Círculo de Bakhtin, sobre a qual nos apoiamos ao empreender estas considerações, o sujeito é envolvido em um emaranhado múltiplo e complexo (complexo no sentido de intricado), em que se abre a possibilidade para o individual agir; com disputa/tensão/luta. E é assim que podemos

compreender como esses movimentos de mudança e superação acontecem: por meio do diálogo e da interação.

No presente artigo, que se constitui num recorte da tese de doutorado⁴, selecionamos algumas disciplinas da grade curricular do Bacharelado em Comunicação Organizacional da UTFPR, cujas propostas estão diretamente ligadas às dimensões/palavras citadas anteriormente (*comunicação, diálogo, interlocução, linguagens, discurso, antropologia e humanidades*), e que parecem indicar algumas abordagens para o entendimento das dimensões comunicacionais assumidas pelo curso (Quadro 1). Optamos por denominar essas dimensões/palavras de *unidades sensíveis*.

Quadro 1 - Ementas das disciplinas selecionadas para análise do curso de Bacharelado em Comunicação Organizacional da UTFPR.

Unidade sensível	Período	Disciplina	Ementas
Comunicação	1º	Comunicação Organizacional	Conceito e caracterização de organizações; Investigação sobre a comunicação nas organizações ⁵ ; Mapeamento dos públicos; Comunicação organizacional como função estratégica no gerenciamento de negócios e de relacionamento com os públicos.
Comunicação	2º	Comunicação Organizacional	As organizações como complexos socioculturais. Cultura, comportamento e clima organizacionais. Diversidade cultural nas organizações. A história e a memória das organizações e suas potencialidades comunicativas. A cultura organizacional como fundamento dos processos comunicacionais internos. Políticas, estratégias e ferramentas de comunicação interna.
Comunicação	3º	Comunicação Organizacional	Comunicação em instituições públicas e de terceiro setor. A avaliação do papel da comunicação na elaboração de políticas públicas; sociedade civil organizada; ONG, OSCIP e financiamento; Estado e terceiro setor: conflitos, parcerias e interlocução; a política comunicacional no terceiro setor.

⁴ O presente artigo se constitui num recorte de uma pesquisa mais ampla – a tese de doutorado intitulada “Dimensões comunicacionais [possíveis] nos Cursos de Bacharelado em Comunicação Organizacional Brasileiros” (Falavigna, 2023).

⁵ A reflexão quanto à denominação de comunicação organizacional vem sendo questionada no decorrer dos anos. Para Lima (2008), o uso do nome “comunicação nas organizações” vincula a comunicação a algo que acontece em um espaço físico específico, assim como “comunicação das organizações” faria supor que a comunicação pertence à organização. Essas duas proposições estão próximas a um paradigma informacional, ora objetificando a comunicação; ora limitando o ato comunicativo ao âmbito interno das organizações.

Diálogo	1º	Comunicação Oral e Escrita	Noções fundamentais sobre linguagem. Fundamentos da comunicação para conversação e apresentações em público. Princípios e critérios de textualidade. Comunicação no meio profissional: gêneros formais orais e escritos. Gêneros acadêmicos.
Interlocução	5º	História das ideias no Brasil	Ideias formadoras do cenário nacional. Movimentos sociopolíticos brasileiros. Formação das ideias políticas contemporâneas brasileiras. A questão das minorias: negros, indígenas, mulheres, imigrantes, LGBT.
Linguagens/ Discurso	6º	Análise do Discurso	Pragmática e Análise do Discurso; Língua e discurso; Conceitos Básicos da Teoria do Discurso; A heterogeneidade discursiva; Memória discursiva; Sujeito e ideologia; O discurso como prática social e as relações de poder.
Antropologia	4º	Antropologia em Comunicação	Fundamentos de teoria antropológica: etnocentrismo e relativismo, dicotomia natureza-cultura, sistemas simbólicos e classificatórios. Antropologia da Comunicação e da Mídia. Mídias como instâncias de construção e reprodução de significados, práticas e estruturas sociais. Comunicação e alteridade: representação das diferenças sociais e culturais na Comunicação e na Mídia.
Humanidades	7º	Diversidade e Comunicação nas Organizações	Estudo dos conceitos de inclusão, identidade, multiculturalidade e interculturalidade, aplicados às relações sociais e institucionais. As dimensões da diversidade humana nas organizações e suas implicações nos processos comunicacionais internos e externos. O respeito e a valorização da diversidade cultural como responsabilidade e como diferencial competitivo das empresas no cenário local e global.

Fonte: a autora com base na matriz curricular do Bacharelado em Comunicação Organizacional disponível no Portal da UTFPR (2020).

Tomamos as ementas apresentadas (Quadro 1), atentando ao “contexto extraverbal” (Volóchinov, 1930), pois só assim podemos compreender como uma palavra ou uma frase, por exemplo, tornam-se plenas de significado e, portanto, assumem sua natureza enquanto enunciado. Esse “contexto extraverbal” abrange o horizonte espacial comum dos sujeitos envolvidos (um Eu que institui um Tu para o qual se dirige, que passa a ser Eu novamente), o conhecimento comum da situação por parte desses sujeitos e a avaliação compartilhada que constroem sobre a situação enunciativa.

Portanto, se tomarmos o exemplo de uma ementa, que torna pública suas opções conceituais e metodológicas, os sujeitos envolvidos na situação enunciativa – o EU e o TU – são conscientes de que estão contextualizados em uma disciplina, inserida numa grade curricular ampla, do mesmo modo que ambos sabem que o sujeito-estudante (a quem a ementa se dirige) toma contato com aquele texto porque carece daquele conhecimento e que, a IES, representada pelo professor, deve possuir o saber para atender à necessidade posta. Nessa relação, EU e TU, em certa medida, estão interessados na (e esperam a) resolução do “problema”.

Segundo a filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin (Volóchinov, 2018; Bakhtin, 2011, 2014, 2015, 2016, 2019), é deste “conjuntamente visto” (a disciplina), “conjuntamente sabido” (alguém tem a necessidade de saber algo e alguém pode auxiliar a dar por conhecido) e “unanimente avaliado” (a resolutividade) que o enunciado depende diretamente. Esse todo é captado na sua real implicação e é o que garante sustentação e existência enunciativa.

Ressaltamos, contudo, que o “contexto extraverbal” não atua numa relação de agente causador de um enunciado; na verdade, a situação que extrapola o constructo extralinguístico se integra ao enunciado como parte constitutiva essencial da estrutura de sua significação. Para Bakhtin (2016), os enunciados, frutos de um contexto heterodiscursivo dialogizado, só existem em reciprocidade, em sentido antropológico, pelo qual se estabelece uma relação de alteridade. Com isso o autor (Bakhtin, 2016) provoca a considerar que um enunciado concreto, enquanto um todo significativo e impregnado de significações, compreende dois elementos: o percebido (verbalizado) e o presumido (não-dito).

Neste ponto, especialmente antes de adentrarmos as nuances específicas de cada uma das ementas, cabe discutir e problematizar a nossa posição enquanto observadoras/pesquisadoras. Para Bakhtin (2011, 2014), a própria compreensão que se coloca sobre os enunciados tem caráter eminentemente dialógico. Essa dimensão emaranha-se *na e com* a situação enunciativa e, de certa maneira, transforma o sentido total. O pesquisador é, dessa forma, um TU para quem o enunciado também se dirige, mesmo que de forma especial, desde uma posição específica – a analítica. Para o referido autor (Bakhtin, 2016), um observador não tem posição fora do observado, e a observação integra o objeto observado como componente comum. Essas considerações parecem confirmar aquilo que Morin (1996) chamava de desaparecimento da oposição recíproca entre o EU e o outro, entre sujeito e sociedade. Nessa perspectiva, aquele que analisa interage genuinamente com os enunciados que

estuda e faz memória de outros enunciados, (re)significando-os no âmbito da pesquisa. Desse modo, dois enunciados, até então, distantes um do outro, no tempo e no espaço, e que nada sabiam um do outro, tem seus sentidos confrontados, revelando relações dialógicas e, talvez, uma convergência de sentidos entre eles. Essas situações parecem revelar uma dimensão pedagógica, no sentido de Freire (2005, p. 79):

[...] o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os ‘argumentos de autoridade’ já não valem [...] os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. Mediatizados pelos objetos cognoscíveis que, na prática ‘bancária’, são possuídos pelo educador que os descreve ou os deposita nos educandos passivos.

Reiteramos, nesse ponto, que em qualquer contexto, para que um objeto entre no horizonte social dos sujeitos e compartilhe uma relação socioideológica, é indispensável que ele adquira uma significação para quem o enunciado se dirige e, que este/s, compartilhem um sentido sobre o objeto. No caso das ementas, compreendidas, temos que a conclusibilidade dos enunciados que compõe nosso escopo amostral, revela uma vontade discursiva que se realiza pela escolha do gênero do discurso.

A palavra é sempre determinada por um EU que se dirige a um TU. A palavra, em si, exprime uma escolha de efeitos de sentido e estratégias discursivas que se revelam pela escolha do gênero do discurso. No caso das ementas, temos que o gênero do discurso se inscreve na perspectiva do *discurso acadêmico*, pois segundo uma análise bakhtiniana (Bakhtin, 2015), as ementas revelam *forças centrípetas* que servem a um objetivo comum: centralizar, unificar e materializar, em um "texto único", nuances sobre os efeitos de sentido que intentam promover na construção de subjetividades do sujeito coletivo e, neste caso, sujeito-profissional.

No Quadro 1 destacamos algumas palavras/expressões que chamam nossa atenção por, talvez, revelarem como esses enunciados se formam dentro do contexto discursivo. Predominam os apelos que sustentam as unidades sensíveis que pré-determinamos inicialmente: comunicação, diálogo, interlocução, linguagens, discurso, antropologia e humanidades. É necessário pontuar, contudo, que nuances de abordagens instrumentais da comunicação coabitam e atravessam os enunciados, tais como *ferramentas de comunicação interna e processos comunicacionais internos e externos* (grifos nossos) e que parecem atender a enunciados precedentes, como aqueles contidos no Catálogo Nacional de Cursos Superiores de Tecnologia (Ministério da Educação, 2006). Assim, numa tentativa ilustrativa de “perceber”

as forças que essas palavras/expressões exprimem, sobretudo, para [tentar] compreender quais as dimensões comunicacionais [possíveis] promovidas pelas experiências curriculares do curso de bacharelado em Comunicação Organizacional da UTFPR, organizamos uma nuvem de palavras a partir dos textos das ementas (Figura 2).

Figura 2 - Palavras em destaque no conjunto discursivo das ementas do Bacharelado em Comunicação Organizacional da UTFPR.



Fonte: a autora com base em UTFPR (2022).

Colocando os enunciados das ementas em contato, constatamos como ilustra a Figura 2, que as nuances instrumentais, mencionadas anteriormente, são enfraquecidas pela força de dimensões complexas, ligadas à comunicação, as quais destacamos: política, discurso, organizações, cultura, mídia, diversidade, memória, teoria, conceito e prática.

Ainda, por compreendermos que o contexto situacional opera de forma predominante sobre a formação de um enunciado, e que ele situa os discursos de forma dialógica, apresentamos, na sequência, uma reflexão sobre as dimensões comunicacionais [possíveis] promovidas pela experiência curricular do curso de Comunicação Social – Comunicação Organizacional, da UNB. Por serem os únicos cursos de Bacharelado em Comunicação Organizacional do Brasil, um olhar comparado sobre os cursos oferecidos pela UTFPR e pela UNB, se faz necessário, pois nos conduz a uma compreensão sobre a identidade teórico-prática de Comunicação Organizacional no Brasil.

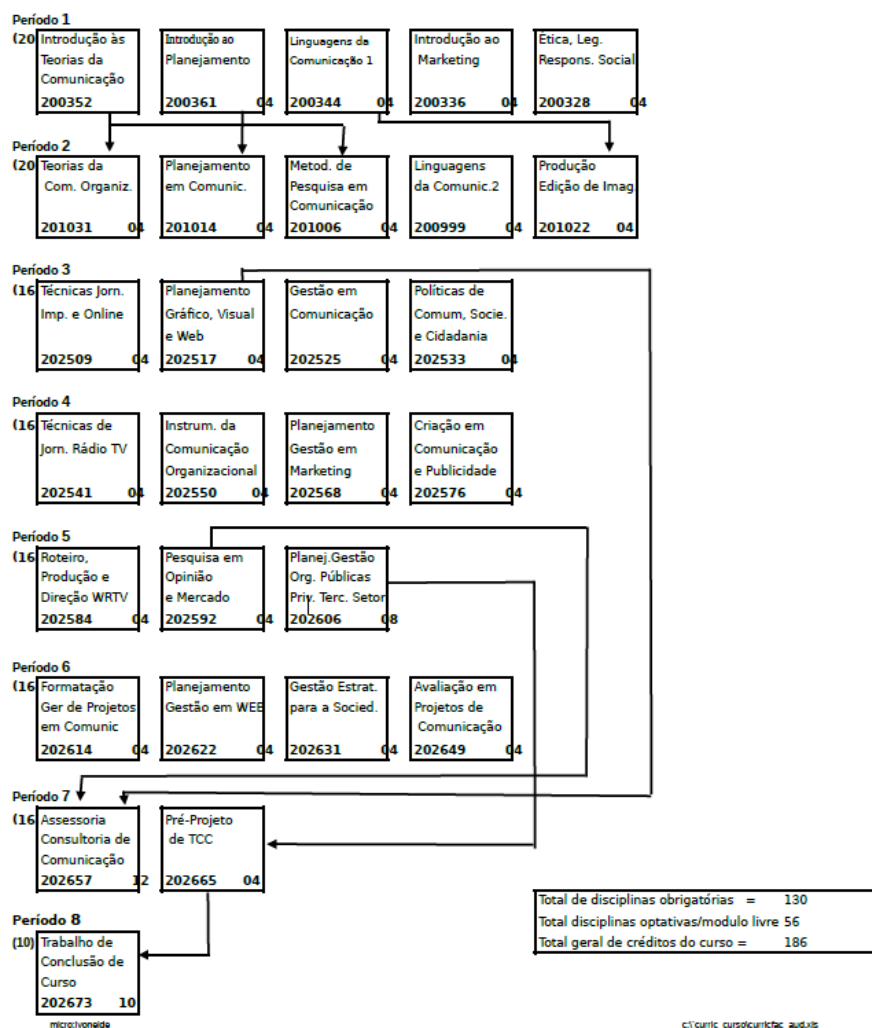
O Bacharelado em Comunicação Social – Comunicação Organizacional da UNB

Dando sequência ao nosso bordado empírico, voltamos nosso tear para o curso brasileiro de Bacharelado em Comunicação Social – Comunicação Organizacional, da UNB, com atividades localizadas em Brasília, Capital Federal do Brasil. A experiência de formação profissional desse curso está constituída por uma estrutura conceitual organizada em “eixos complementares”, quais sejam:

- Eixo expressivo - conteúdos ligados à comunicação e expressão;
- Eixo de cidadania - formação com relação ao direito, ética e cidadania;
- Eixo pragmático - da ordem das habilidades e das técnicas;
- Eixo epistemológico - a construção do saber acadêmico, seu papel e características. (UNB, 2018, p. 15)

Esses eixos constituem a proposta pedagógica do curso para o período de quatro anos, na modalidade presencial, com 2.790 horas, organizadas em 186 créditos (UNB, 2018) (Figura 3).

Figura 3 – Fluxograma do Curso de Comunicação Organizacional da UNB



Fonte: PPC do Bacharelado em Comunicação Social – Comunicação Organizacional da UNB (2019).

Ainda, segundo o PPC do curso, tendo como referência a dimensão emancipadora de Freire (1996) para a comunicação, o Bacharelado considera a “[...] criação de um espaço coletivo de reflexão, crescimento e descoberta” (UNB, 2018, p. 5), tendo como característica basilar o diálogo. Essa compreensão está ancorada no que é denominado como “Princípios para elaboração do currículo” e que se apresenta com o título “Por uma Comunicação Emancipadora”. O enunciado toma a universidade como um lugar de formação educacional não utilitarista, imbuído de preceitos éticos e morais, organizado para preparar cidadãos desde uma dimensão política e, não apenas, para atender os interesses exclusivos do mercado. Nestes princípios, o PPC da UNB (UNB, 2018, p. 14) concebe

- A universidade uma instituição voltada para a culminação da educação formal, capaz de produzir e transmitir conhecimentos não apenas científicos e técnicos, mas também éticos;

- A universidade como formadora de cidadãos aptos a atuar segundo os valores morais e princípios éticos universais, e não apenas preparados para os interesses exclusivos do mercado;
- A produção científica e tecnológica de uma sociedade deve refleti-la em toda sua diversidade de interesses e matizes culturais, constituindo uma resposta aos problemas que esta sociedade enfrenta;
- As desigualdades da sociedade brasileira requerem a produção de conhecimentos comprometidos com a busca de soluções para os problemas de exclusão, pobreza e miséria;
- A natureza social da educação lhe confere uma dimensão política, o que implica a necessidade de reconhecimento da não-neutralidade de seus agentes (UNB, 2018, p. 14).

Esses princípios também iluminam a compreensão sobre o currículo, que admite:

a) A autonomia do aluno, por meio de processos criativos de aprendizagem; b) O conhecimento como processo social inacabado e em constante construção e descoberta; c) As condições para uma aprendizagem crítica; d) O diálogo como o mais importante instrumento do aprender; e) A negação do determinismo, do conformismo e visões messiânicas e autoritárias como bases do projeto pedagógico; f) A opção pela educação dialética e transformadora da realidade (UNB, 2018, p. 15).

Os fragmentos dos discursos contidos no PPC da UNB sobre o Bacharelado em Comunicação Social - Comunicação Organizacional tendem a legitimar certas intenções sobre a formação do “EU”, como sujeito coletivo [e profissional]. Nós, enquanto observadoras/pesquisadoras, novamente nos colocamos em contato profundo com o objeto de análise, e destacamos algumas dimensões expressas em palavras, dispostas no PPC da UNB, que chamam nossa atenção. São elas: *comunicação, cidadania, diálogo, dimensão política, aprendizagem crítica e educação dialética*.

Essas marcas revelam nosso EU-observadora/pesquisadora e, por consequência, nossos (des)caminhos sempre inacabados e em constante (re)construção. (Des)caminhos, esses, notadamente marcados pelas nossas inquietações e pela intenção de compreender o mundo a partir da (re)significação de suas mensagens (Morin, 2001). Nesse ponto reiteramos, sobretudo, nosso interesse em compreender se as dimensões comunicacionais [possíveis] promovidas pelas experiências curriculares estão, pois, associadas à expressão da alteridade e, em que medida, revelam/desvelam alguma relação de intenção discursiva que legitime a construção do EU-sujeito coletivo e profissional. Como estamos apoiadas na Filosofia da Linguagem do Círculo de Bakhtin, defendemos uma alteridade genuína para o *ser no mundo*; uma alteridade que é, também, da palavra. Então, enfrentando a alteridade da palavra do/a outro/outra, “objeto” e “sujeito” se alteram mutuamente, pois o tensionamento entre eles funda algo que

antes não existia para ambos. Nesse cenário, nosso olhar sobre a palavra, torna-se lugar de encontro e de (re)conhecimento mútuo.

Sentimo-nos instigadas a indagar a relação da alteridade enquanto eixo de articulação entre a linguagem e a subjetividade e, por isso, assim como estabelecemos com a análise do Bacharelado em Comunicação Organizacional da UTFPR, selecionamos algumas disciplinas da grade curricular do Bacharelado em Comunicação Organizacional da UNB, cujas propostas estão diretamente ligadas às dimensões/palavras citadas anteriormente (*comunicação, cidadania, diálogo, dimensão política, aprendizagem crítica e educação dialética*), e que parecem indicar algumas abordagens para o entendimento das dimensões comunicacionais assumidas pelo curso (Quadro 2).

Quadro 2 - Ementas das disciplinas selecionadas para análise do curso de Bacharelado em Comunicação Social – Comunicação Organizacional da UNB.

Unidade sensível	Período	Disciplina	Ementas
Comunicação	2º	Teorias da Comunicação Organizacional	O conceito de organização e suas várias dimensões. Revisões teóricas da Comunicação Organizacional – escolas, autores e teorias. A constituição comunicativa das organizações e da sociedade. Tendências da pesquisa e da teorização em Comunicação Organizacional.
Cidadania	3º	Políticas de Comunicação, Sociedade e Cidadania	Conceito de Políticas Públicas e de Políticas Públicas de Comunicação. Principais sistemas de mídia. Principais desafios de Políticas Públicas de Comunicação no país. O Direito Humano à Comunicação na Constituição Federal. Movimentos pela democratização da Comunicação
Diálogo	4º	Instrumentos da Comunicação Organizacional	Diagnóstico de Comunicação nas organizações. Elaboração de Plano de Comunicação: as dimensões técnica, estratégica e ético-política. Manual de Identidade Visual. Plano de Mídias Sociais. Vídeo Institucional. O uso de impressos na Comunicação Organizacional. Outros instrumentos de Comunicação Organizacional.
Dimensão política	1º	Ética, legislação e responsabilidade social	Conceitos de ética em diferentes sociedades e contextos. Diferenças entre ética e moral. Éticas normativas e não-normativas. Códigos de ética. A Ética em ambientes organizacionais. Ética e responsabilidade social. Ética nos meios de comunicação. Comunicação e pactos éticos.
Aprendizagem crítica	6º	Gestão Estratégica para a Sociedade	Comunicação como estratégia para a mudança social. Sociedade como espaço da organização da diversidade. Gestão como posicionamento

			institucional que se materializa como projeto. Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia.
Educação dialética	5º	Planejamento e Gestão em Organizações Públicas, Privadas e do Terceiro Setor	Relações de interface entre estado, sociedade e governo. Conceitos, princípios e aspectos legais e históricos da Comunicação Pública e Governamental. Interesse público e privado na produção, na circulação e no gerenciamento de informações. Instrumentos de comunicação pública.

Fonte: a autora com base na matriz curricular do Bacharelado em Comunicação Social – Comunicação Organizacional disponível no Portal da UNB (2022).

Debruçamo-nos sobre as ementas apresentadas (QUADRO 2) atentando, novamente, ao “contexto extraverbal” (Volóchinov, 1930), situacional, histórico e social. Mais do que isso, defendemos, desde uma perspectiva bakhtiniana, que os enunciados mantêm uma espécie de ligação continua com estes contextos para que tenham as suas significações renovadas e permanentemente plenas. A dimensão da alteridade, enquanto lentes para uma análise a partir da filosofia da linguagem, é fundamental, nesse sentido. Palavras e pensamentos se movimentam num emaranhado diverso de vozes; vozes, essas, que ecoam, ao mesmo tempo e de formas distintas, um horizonte espacial comum aos sujeitos envolvidos. É a genuína manifestação do acontecimento na linguagem: dialogismo, plurivocidade e pluralidade constituindo e embasando a existência de um *ser social*, que só pode ser conhecido através de seus textos. O sujeito é, portanto, um ser de resposta.

A partir dessas precisões, consideramos que as ementas expressam, discursivamente, uma teia de alteridades mediadas/mediadoras das relações humanas. Do mesmo modo, compreendemos que, embora haja uma simbiótica relação alteritária de várias vozes, um discurso é, em essência, sempre inédito, uma vez que na forma atual, ele nunca existiu. EU e TU, sujeitos envolvidos na situação enunciativa acadêmica – são conscientes do contexto ao qual pertencem; da intencionalidade por trás do enunciado: a demanda pela alteridade. Não falamos em alteridades quaisquer, individualizadas e/ou dispersas no mundo social, mas de individualidades e subjetividades que se (re)constroem no mesmo processo de construção e uso da linguagem. Temos que a experiência individual de EU e TU se forma e se desenvolve com intencionalidade quando defrontada com os enunciados outros que, por sua vez, se (re)constituem constante e continuamente.

Segundo a filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin (Volóchinov, 2018; Bakhtin, 2011, 2014, 2015, 2016, 2019), este inesgotável acontecimento dialógico entre signos, emerge das pulsões, tensões e disputas *do social*. A própria noção de signo se transforma no tecido de permanente cruzamento das linhas que forma a estrutura ideológica da sociedade. Todo signo

é, por natureza, ideológico, e toda construção (enunciativa) ideológica é sempre um eco do contexto situacional histórico e social, não podendo, jamais, ser resultante de uma consciência individual/isolada.

No desaparecimento da oposição recíproca entre o EU e o outro, entre sujeito e sociedade (Morin, 1996) temos o encontro com a palavra do outro/a, que é o encontro com a palavra viva. Reafirmamos, nesse sentido, a dimensão pedagógica da linguagem, no sentido de Freire (2005, p. 96):

O eu dialógico [...] sabe que é exatamente o tu que o constitui. Sabe, também, que constituído por um tu – um não-eu –, esse tu que o constitui se constitui, por sua vez, como eu, ao ter no seu eu um tu. Desta forma, o eu e o tu passam a ser, na dialética destas relações constitutivas, dois tu que se fazem dois eu.

Reiteradas as concepções conceituais das quais partem nossas observações e nossa posição analítico-dialógica, damos sequência ao empreendimento da análise que segue, referente às ementas das disciplinas do curso de Bacharelado em Comunicação Social – Comunicação Organizacional da UNB.

Novamente recorreremos ao exercício de destacar algumas palavras/expressões que chamam nossa atenção (Quadro 2), dessa vez, nas ementas do curso de Bacharelado em Comunicação Social – Comunicação Organizacional da UNB. Ao colocar a palavra do/a outro/a em contato com a palavra minha, a *palavra-nossa* revela nuances sobre como esses enunciados se formam dentro do contexto discursivo. Disso decorre que a palavra só pode ser apreendida no processo de significação.

Em essência, a língua como concretude socioideológica viva, como opinião heterodiscursiva situa-se, para a consciência individual, na fronteira do que é seu e do outro. A palavra de uma língua é uma palavra semialheia; só se torna palavra quando o falante a satura de sua intenção, de seu acento, assume o domínio da palavra, fá-la comungar em sua aspiração semântica e expressiva. Até este momento de apropriação, a palavra não está numa língua neutra e impessoal (pois não é do dicionário que o falante tira a palavra!), mas em lábios alheios, em contextos alheios, a serviço de intenções alheias: é daí que deve ser tomada e tornada sua (Bakhtin, 2017, p. 69).

Com base no estatuto da palavra, assumido na filosofia bakhtiniana, destacamos os apelos que sustentam e/ou defrontam as unidades sensíveis que pré-determinamos inicialmente: comunicação, cidadania, diálogo, dimensão política, aprendizagem crítica e educação dialética. Percebemos, na união desses fios enunciativos, que dimensões antagônicas e complementares parecem constituir o bordado curricular do curso da UNB. Abordagens relativas à

meios/mídia de comunicação. Ainda que haja uma alternância na posição dos sujeitos enunciativos – a quem a palavra pertence parcialmente e a quem a palavra é orientada – que é inerente ao processo discursivo, temos que a trama de sentidos é tão bem alinhavada, que o discurso pertence em equivalência a um EU e a um TU, fortalecendo a interpenetração entre a palavra própria e a palavra outra – aquela dos enunciados analisados e a do PPC do curso.

Considerações para o agora

Na tecitura marcada pelas inquietações/pulsões acadêmicas que nos movem e nos guiam, associada às dimensões de análise a partir da filosofia da linguagem bakhtiniana e em contato com o que Morin (2013) denomina de conhecimento do conhecimento, (re)desenhamos as dimensões comunicacionais [possíveis] identificadas nas ementas e nos PPCs dos cursos da UTFPR e da UNB: *comunicação, diálogo, interlocução, linguagens, discurso, antropologia, humanidades, cidadania, política, aprendizagem crítica e educação dialética*. Essas dimensões iluminam o horizonte social, indicando uma possibilidade de fortalecimento quanto às identidades teóricas da/na comunicação organizacional. Temos, na centralidade desses achados de pesquisa, que o “EU” – coletivo e profissional, é a parte e o todo, ao mesmo tempo, de uma relação alteritária e permanente de diversidade e ambiguidade.

Nesse momento, compreendemos que a alteridade é uma condição fundamental para que o diálogo e a comunicação aconteçam. Dimensões pautadas pela alteridade, quando promovidas pelas experiências curriculares dos cursos de comunicação, tendem a fazer prosperar entendimentos/compreensões comunicacionais na interface com a cooperação, com a interação e, sobretudo, com espaços organizacionais que (re)consideram a sua existência/realidade a partir do “Outro”; como resultado da permanente (re)construção de sentidos. Essas contribuições, temporárias e (in)conclusivas, ocupam hoje, neste agora, um espaço de transformação necessária. Estabelecem [novas] necessidades hologramáticas, dialógicas e recursivas para um (re)avaliar da tapeçaria universal da comunicação organizacional.

Referências

- BAKHTIN, Michail. **Estética da criação verbal**. 6 ed. São Paulo: editora WMF, 2011.
- _____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014. 376 p.
- _____. Teoria do romance I: a estilística. 1 ed. São Paulo: Editora 34, 2015. 256 p.

_____. **Os Gêneros do Discurso** – Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas a edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

_____. Teoria do Romance I – A estilística. São Paulo: Editora 34, 2017

_____. **O Homem ao espelho**. Apontamos dos anos 1940. 1 ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. 110 p.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 44.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

MORIN, Edgar. A noção de sujeito. In: SCHNITMAN, Dora F. (Org.). **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996, p. 45-58.

_____. **Ciência com consciência**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2000.

_____. **O método 3: o conhecimento do conhecimento**. 3 ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2005.

_____. Amor, poesia, sabedoria. 7 ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2005. 72 p.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2009. 104 p.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. 3 ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2011. 120 p.

_____. **Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2013. 109 p.

_____. **O Método 3**. O conhecimento do conhecimento. 5 ed. Porto Alegre: Sulina, 2015. 286 p.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Estrutura do Enunciado**. Tradução para fins didáticos: Ana Vaz, 1930.

Disponível em: <<http://juniortannus.blogspot.com/2015/05/estrutura-do-enunciado-v-n-voloshinov.html>>. Acesso em: 13 jul. 2019.

_____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem** – Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2018.